

Pão Nosso . . .

Porto, 28 de Setembro de 1910.

N.º 23

SUMARIO:

- I — MORTE LIBERTADORA.
- II — A FARÇADA DUM CENTENARIO.
- III — ENTREMEZ INOCENTE.
- IV — O PORQUÊ DAS BOMBAS.

Morte libertadora

O escultor Augusto Santo. — Arte de levar agua ao moinho. — Misanthropia e Ironismo. — Sua convivencia em Paris. — A obra que nos legou. — Tempos dificeis. — Vida d'inferno. — A libertação.

Carta a um revoltado

Amigo:

A furta-passo — dizes — conhecer que a miseria surrateiramente atravessa as lindeiras da tua porta, restolhando no teu viver com seu lazarado saial de trapos. Nem submissões, nem rebeldias te aconselho. Quando a ribalda alguém fila pela gôrja, de que valem alheias palavras?

Um artista, mystico e rico, Edmond Haraucourt, aos novos prégava: — « São as codeas do pão de rala o alimento substan-

cialissimo dos aprendizes da arte; excitam a vontade, criam braços e cerebros; quem dellas não comeu, perpetuamente fica debil e fruste, desovando obras inferiores.»

Estás, em vista dessa refaiscante sentença, no caminho da gloria ou da cova. Podias agora rentear a sabedoria do letrado francès, enfileirando nomes e mais nomes dos que nos catres do hospital deixaram a carcassa malignada do sofrimento. Refartavas laudas com a narração. E exemplos te sobejam para linimento dos dias de negrume. Oh! se as consolações enchessem a marmitta do caldo!

Pois que os vivos se nutrem da substancia dos mortos, colhe das recordações que vou avivar, algo com que engordares.

* * *

Nesta mesma semana, 26 do corrente, tres annos fugiram sobre o finamento do escultor Augusto Santo. Morreu do mais vulgar dos acontecimentos — a miseria. Matou-o a fome.

Ao regressar de Paris, ahi por 1898-99, apoz sete annos d'estudo, não teve na bolça com que pagar os lançarotes da imprensa para lhe jogarem amoraveis linguaradas. Não pôde alugar os sabencosos quotiliquès, os quaes, a troco dumas centenas de mil reis, remugem em opusculos mercenarios que o elogiado mete Phidias num chinelo, e que Miguel-Angelo, a par do pagante, devia tocar rabeção.

Não montou estabelecimento industrial d'obra grossa, tallhando lapides para as esquinas das ruas, topando-a-tudo, cozendo tijolos e penicos, dirigindo o córte de fasquias de marmore para o *aqui jaz* da viuva inconsolavel, ou a placa que o brasileiro ricalhoço pendura nos alizares do palacete emendando a numeração da rua: — Foi 27.

Não se filiou em cenaculo, nem instituiu conventiculos. Consequentemente não pertencia a nenhuma dessas cooperativas em que os socios se tratam de genios, e onde uns aos outros mutuamente se acairelam de ribetes de latão. E' ahi que a pragmatica obriga os iniciados a injuriarem-se com titulos desta

laia:— O magnificante literato!... o arcangelico pintor!... o wagneriano musico!... o escultor divinal!...

Bem ao avesso, a contrapêlo, a arripia preconceitos, Augusto Santo procedia.

* * *

Retraido, misantropo, solitario, arredava-se do bulicio. Inviscerado no seu tabardo escuro, os largos hombros em curvatura de cansaço, rosto de malares resaltantes, côr d'azeitona baça, barba rala e picada á sovelá, parecia eremitão que a cela abandonara para ver mundo.

Gastava um falar vagoroso, semi-dolente, de timbre és-não-és feminil, que rasgava horisontes de nostalgia e amargura. Era mordaz e sarcasta. Abominava da medriocridade; as falsas reputações feriam-lhe seus nervos tensos.

Nesses momentos içava-se-lhe á flor dos labios uma golphada de fel. E despejava-a. Mas não bruscamente como o vomito do enjôo. Um fugidio rictus macabro lhe esvoaçava na face, e então, com o desdem dum superior, reguçava a ironia que prostrava o paciente.

Permanecia em seguida num manso desafogo com o ar ingenuo de quem proferira banalidade de veludinea macieza, sem um riso, ou com vaga sombra de dolorido e melancolico sorrir a torturar-lhe a bôca triste. Nas embofias dos parvajolas, como choupa se enterravam seus conceitos. Sangravam os toicinhos, desinchavam os balões furados. Porém os feridos não perdoavam. Sentiam o queimarço do ferrão, e abandalhavam-se no desforço da calunia.

Por isso mesmo o acusaram de impotente, preguiçoso e *poseur*. Um dos nossos escultores que por junto arrematou as louvaminhas do jornalismo e que sempre fala dos presuntos que lhe comeram e dos almudes de vinho generoso que lhe tragaráram, delle, quando em Paris, contava:— «Não sei que faz o Augusto Santo! Anda só pelas bibliotecas e pelos museus! De que serve aquillo para ser escultor?»

E abria os olhos vasioz de quem não sabe ler nem escrever, e que quando entra em concursos, traceja projetos que são obra-prima de confeitaria: — Um paio macisso de açúcar refinado, arrebiques de chocolate, figurilhas d'alcorce com lardo de amendoim.

Inventaram-lhe historietas ridiculas. Envenenaram-lhe os sentimentos. Formou se em torno delle a conspiração do silencio. Buscavam com afan um elogio delle, e á recusa do louvor, detestavam-no e temiam-no.

«Tinha um feitio de analyse demolidora parecida á de Soares dos Reis» — delle me referiu Cristiano de Carvalho.

* * *

Ora de longe letreiro a pergunta que me estás durante estas linhas apontando. — «Que tudo isto é curioso e interessante, mas falta responder ao principal. E vem a ser: Talento?»

Sim. Talento e á farta. Escreve-me Manuel Laranjeira: «Hoje o artista está morto e todos podemos dizer a verdade acêrca delle sem sermos acusados de amizade pessoal... Continuo a tê-lo na conta dum homem de genio asfixiado na pequenez dum meio.»

Em Paris a convivencia d'Augusto Santo estreitara-se com Eça de Queiroz (inedita se conserva a curiosissima correspondencia entre os dois, versando pontos de controversia artistica), com Eduardo Prado, o espirito original de que o proprio Eça traçou o perfil, e com Moniz Barreto, o mais solido, documentado e penetrante critico daquela geração.

Em Paris e deante de Moniz Barreto, como no *Primeiro de Janeiro* de 8 de setembro de 1909 contou o sr. José de Figueiredo, Augusto Santo desfez á martelada um busto—*O orfão*, «uma pequena maravilha» na ancia insatisfeita da perfeição que o atormentava.

Mais tarde, ou num acesso doentio, de desespero, de dôr ou de bolimia do ideal, Augusto Santo a pancadas de malho partiu a *Holandêsa* e a *Nova Gioconda*, de que só existem

raras fotografias, pontas de sonho que no diluculo da manhã se esfarpam nos frocos do nevoeiro.

Sempre insaciavel do belo, Augusto Santo, se o deixassem, aniquilaria toda a sua obra. Modelava com febre. Ao dia seguinte o barro não correspondia totalmente á sua concepção. Recomeçava insofrido, ou abandonava-o com tedio, e vezes houve que vendeu esboços d'alta valia, para acudir a affitivos embaraços que alfim o ceifaram.

* * *

Restam-nos hoje, a querer avaliar promessas, esperanças, e um temperamento artistico, o *Ismael* (na posse do pintor sr. Carlos Reis) o busto do dr. *Higino de Sousa* (propriedade da familia), o do sr. *Conde de Penha Garcia* (propriedade do mesmo), a *Esfinge* (propriedade do sr. J. A. Lobão Ferreira), o busto do sr. *Carlos dos Reis* (ao mesmo pertencente) e o busto dum filho do sr. dr. Luiz Viegas (propriedade do mesmo). Nas proximidades da morte trabalhava o do falecido Vieira de Castro, que quasi deixou completo e que maus cuidados de vigilancia inutilisaram.

E já vês, amigo, que o escultor finado aos 37 d'idade produziu, sem que o meio, tão propicio ás medianias, lhe desse ansa de realizar empreendimento de mais vulto. Achas pouco? E' que na arte o verdadeiro trabalho reside exclusivamente no esforço e nunca na habilidade que consiste na tarefa mecanica de pôr em pratica processos adquiridos. O habilidoso, não dispendendo a alma, passando horas faceis na repetição de *trucs*, compraz-se na produção; o artista consome-se.

Augusto Santo vindo de Paris onde na convivencia do celebre anarchista Emile Henri se imbuira das doutrinas libertarias, resvalou na encraseada atmosfera tripeira. Desamparado, sem protetores, entre a malta d'insignificantes que lhe sandejavam elogios na presença, e pelas costas o lanhavam de vituperios, remeteu-se ao isolamento, e conseguiu tornar-se desconhecido para o grande publico.

Seus magros haveres fundiram-se-lhe no modesto *atelier* que em Coimbrões construiu. Começou logo a horrorosa via-sacra.

Dias e dias passou comendo fomes. Orgulhoso, descia até ao Porto, e noctambulava pelas ruas e cafés, de ventre vazio, discorrendo como se naquelle instante se levantara da mēsa de Gargantua. Ao suspeitar que num oferecimento poderia haver compaixão, recusava-o com a tenacidade do vencido que não aceita quartel.

Noites em que as refegas de vento esgarçavam as pansas das nuvens prenes de salceiros, calcava elle a longa distancia que vae da cidade ao *atelier*, ensopado, friorento, faminto, a cabeça esvaída, o estomago aos solavancos. Bateu-se no escuro com a miseria negra e andrajosa.

* * *

«Ponha para cá obras d'arte»!—coaxavam as rans que passam o tempo á espera de que lhes brotem azas para voarem. Mas não lhe perguntavam se na arca tivera pão sêco para o almoço, ou na mansarda uma candeia para mitigar o tumulto cerebral lendo Molière que elle tanto citava.

No em meio destes acontecimentos, Augusto Santo, em vez de acorrer de mão estendida ás sopas dos *bondosos* camaradas, irritava-os. Revessava supitamente uma frase salpimentada que caía nos odres de vaidade, como pedra em capoeira de galinhas chocas.

Um belo dia, Augusto Santo escapou-se á restrita roda d'amigos sinceros que o adoravam. Vagamente falara antes de projectos varios. Quando reapareceu, estava perdido. Naquelle duro arcaboço implantara-se a tuberculose.

Conduziram-no a um sanatorio. Não foi cura, foi agonia tragica a que lá padeceu. Ao aproximar-se o passamento, exigiram que o retirassem, não fôra a empresa dos industriosos clinicos sofrer quebra na fama que não tinha.

Trouxeram-no para o hospital da Misericordia. Quasi não dava acordo de si. Mergulhado na alvura dos lençoes, os olhos

sem brilho fitavam aquelles que o rodeavam. Já os não distinguia.

Num esforço recobrou a lucidez. Circumvagou o olhar, pregou-o nos amigos, e com a voz mais arrastada, mais debil, mais fina, o mesmo trejeito ironico nas cantoneiras da bôca exangue, proferiu:

« — Ah! são vocês! Não os reconhecia. Parecia-me que estava a ver aquelles penedos que o F... (1) pinta sempre em todos os quadros.»

Um soluço, e expirou.

* * *

Olha, amigo. Páginas são estas malvindas em panfleto politico. Acaso ninguem as leia, e muitos inquirirão com extranhêsa das causas que me levaram a escrevê-las. Simples homenagem a um esquecido: preito justiceiro á desgraça.

Prometi não dar conselhos, mas como todos os que se pre-sam, falto ao juramento. Se tens a fatal mania de pensar, deixa a arte. Abre tenda, e põe o luzio nas cuias da balança. E se os figos de ceira não rendem, nem o mercado tolera o azeite de saibo e de verdade fores um revoltado, então... sae á estrada.

A farçada dum centenário

O avô fugiu, este... fica. — A guerra da independencia feita contra o espirito moderno. — O que a nação devia ter feito. — Ou rei nenhum, ou rei extranho.

Em linguagem repolhuda e estilo prognata, os lapantanas da imprensa sanfoninam a aria do patriotismo a proposito da

(1) Reservo o nome do artista por causa dos agravos postumos

batalha do Bussaco. «As guerras da independencia — garabulha um de tantos — foram a aurora da consciencia nacional.» E a prosissima prosa, cem vezes recomida, largueia-se pelas charneças da ignorancia historica.

Em parrelha com as infundices da letra redonda, a Majestade do snr. D. Manuel, rei da casa de Bragança, acorre ao ossuario dos soldados mortos, para aquentar a memoria da covardia de seu 4.º avô! A presença do Rei estampa um vexame nas cinzas dos que ali deixaram a vida, nas reliquias da campanha e no exercito portugûes.

Tropa, frades, camponios e alguns fidalgos tinham direito a comparecer no Bussaco. Podiam verter lagrimas nos chaparraes quiçá ouriçados de tojo, ou revicjar cantigas obsoletas d'odio aos franchinotes, pelas gargantas dos montes e cabeços da serania. Rouquejos de triumpho e lamentos de piedade a todos competiam. A todos... menos ao Rei.

Se a dinastia se não desmemoriara, um acto unico praticaria em honra de D. João VI. Como elle embarcar no Tejo, abandonar-nos, inchando o porão da nau dos quintos... dos infernos, com a descendencia dos nobres que seu avô cortejavam na fuga.

* * *

O maiorissimo erro da nossa historia moderna foi a guerra da independencia. Batemos Napoleão para logo lambujar as bótifarras de Beresford. Nós e os espanhoes assombrámos o mundo por façanhas d'épica e barbara coragem, e de corrida nos sujeitámos á vileza do despotismo. Nós, de gíolhos ante o general britanico que enforcou heroes como Gomes Freire; a Espanha, de bôrco na estrumeira que calcava Fernando VII, o mesmo que arcabuzou e baionetou os libertadores da patria.

Provocavam desforras as infamias e exações do exercito francès. Mas foi o fanatismo religioso que arrastou desembarcadores, morgados, capitães-mores, frades e curas a prégar a guerra santa contra o invasor. Em nome da fé açulavam as multidões contra o espirito moderno. Nos regimentos napoleo-

nicos viam apenas os filhos de Voltaire e de Rousseau. Na impedimenta militar estrangeira, descortinavam as ideas da Liberdade e da Revolução.

Se o patriotismo lhes enfrenasiava o animo aguçando chuços e roçadoiras, e mordiscava o cartuchame das escopetas, porque os não revolveu depois contra o dominio inglès? Porque se amorraram no sopôr da indifferença quando os batalhões da quadrupla aliança, em 1847, nos impuseram a avó do actual monarca, que a nação empurrava do trono? Porque é que na Espanha se bateram á navalha, a veneno e a dente contra os generaes de Bonaparte, e receberam como amigos os do duque d'Angoulême que com 100:000 homens ali entrou para estrangular os liberaes?

O poder das palavras é dominador e gigantesco. A palavra *independencia* lavrou pelos corações como levada de polvora, e apenas serviu para nos arreatar á dinastia de Bragança que na hora do perigo deixara pelo Atlantico o rasto da sua valentia — o fedor dos sfincters lassos de medo.

* * *

Ao tempo existia, tanto em Portugal como no país vizinho, um punhado d'homens cultos, que aspiravam os novos ideaes que a França revolucionaria derramara pela Europa. A populaça fanatisada, boçal instrumento da reacção, abominava-os e perseguia-os. Chamava-lhes os *afrancesados*.

Foram elles que em Madrid receberam José Bonaparte, por seu irmão feito rei d'Espanha, como rajada dum ar saneador. José Bonaparte, inteligente, bondoso, ilustrado, nos seus curtos dias de trono deu mostras de soberano moderno, liberal e justo.

Elles previam que pagariamos a indomita e generosa loucura de ser livres — com a escravidão. As consequencias das paginas gloriosas que se andavam escrevendo com sangue, seriam — a independencia custar-nos a liberdade.

Imperfeitamente conhece o país a transcendencia da lição que as guerras peninsulares encerram. Ha por certo dezenas de

volumes recortando os episodios guerreiros, com pormenores d'atrocidades e de rasgos memoraveis. Porém da filosofia da historia ninguem cuida, apesar do curso das ignominias posteriores que aos nossos dias d'oprobrio alcançam, estar justificando o que deixo escrito.

Se a nação tivesse consciencia dos seus destinos, só dois caminhos devia calcar, e ao cabo delles alvorecia a salvação.

Como se livrara ella do invasor? Por esforço proprio, sem rei, bem ou mal governada pelas *juntas*. Logicamente, após a vitoria definitiva, a tutela inglêsa haveria de sacudir-se, como os homens de 20 a enxotaram, e se D. João VI quisesa regressar, os mesmos que para além raia varreram os francêses, vedariam a entrada ao excelso covardão. Que as juntas proseguissem governando; que afinal tudo era preferivel aos Braganças.

Aduz-se contra isto: Na Europa d'então, uma forma republicana na Peninsula, por mitigada que fôra, tornava-se inviavel.

Pois bem. Precisava-se um rei? Escolhessem-no d'entre os generaes napoleonicos, que nem todos orçavam pelo grosseiro intellecto do soldadão Junot. Na propria familia do Cesar, Luciano principe de Canino, politico e diplomata invulgar, filosofo e poeta; Luis rei da Holanda, dramaturgo e letrado; Jeronimo, navegador, alma de bayardesca lealdade; José, rei d'Espanha, a que atrás me referi — provam que entre elles sobrava valor, engenho e habilidade.

Trôa nos ares a clamorosa rabularia das patriotas. A opinião que apresento só pode provir dum desnacionalisado, dum pèrro traidor, dum sem-patria, dum desarraigado, dum vencido!

E' pouco. Mais serei. Mas todas as nações se orgulham da sua historia e do seu patriotismo. E a Suecia nem menos gloriosa nem menos altiva do que Portugal seja.

Necessitou, ao tempo, dum rei. Foi buscar o general Bernadotte, que lá fundou disnatia de durar, e que tornou a peninsula escandinava um dos países mais prosperos, ditosos e cultos da Europa setentrional.

Se fôsse urgico colocar um soberano á testa da Constituição, tomássemos um homem probo, liberal, bom governante, d'intenções retas e claro juizo, como para a Espanha queria o luminoso aragonês D. Joaquim Costa que se houvera feito com José Bonaparte.

Nós aproveitámos a parte má das duas soluções, sem nada do bom que ellas continham. Ululámos «morte a Napoleão!» e de levante se ornejou «vivam os Braganças!» Heroes contra o primeiro, bestas-de-carga para os segundos.

E assim, mais ao tarde, suportámos D. Miguel e as fôrças, as sangrentas guerras civis, o exercito espanhol a argamassar a corôa na cabeça duma rainha, um facinora que foi executado a tiro, e hoje vivemos em terra que mais pertence ás abas africanas que ao continente civilizado. Valeu a pena!

* * *

Se pois no Bussaco se vão memorar glorias anonimas dos que pereceram pelo que não compreendiam, dê se aos obscuros filhos duma fé o culto grandioso que a raça presta aos seus rebentos vigorosos. Mas rememore-se que elles morreram na illusão do libertamento que só grilhões nos deixou. E haja tambem quem meta o sacristão na sacristia, onde a sombra de D. João VI lhe resmungará: — «Foge, rapaz!»

Entremez inocente

**Teatro na aldeia. — Peixes e bácoros.
— Frades d'ida e volta. — A flor da
inocencia.**

Rapaz ainda, deitara numas ferias té a mais galharda romaria beirã, que sua festa d'igreja, arraial e feira desenrolava nas cercanias de milagreira ermida. Com a vista suja da poeira

e as goelas lavadas pelo fresco sumo das melancias, já de volta me escanchava sobre o albardão da azemola, quando alguém me disse: — Vae haver entremez, logo á tardinha.

Então espero. Era um dia de verão e ao declinar o sol começou o espectáculo.

No recosto duma quadrela da igreja se erguia o palco, construção rudimentar de tabuões de castanho, a toda a roda envolto em colchas da velha chita d'alcoabaça. Descerrada a cortina da frente, assisti á representação da «Vida de Santo Antonio,» epopeia acidentada num espaço de vinte palmos de bôca por outros tantos de fundo.

Supria a imaginação o scenario ausente. E toda a larga assistencia, de pé e reverentemente silenciosa, escutava a salmodia da recitação, de longe em longe entrecortada pelo azurrar dum gerico impaciente.

Chegara o lance classico do santo botar fala aos peixes. O director da scena reservara ao publico um desgarre do proprio engenho. Só um milagre autentico conseguiria meter as aguas do mar na lomba daquella montanha. E mesmo com as ondas a chapinhar os caibros que o tablado seguravam, não era licito prever que as pescadinhas marmotas subissem á tona d'agua, á escuta do marmanjão que recitava uma ladainha de versos coxos.

Foi então que na ribalta vi apresentar uma gamela, e lá dentro grunhindo pelos uberes da porca que os puzera, seis bacorinhos, com o focinhito côr de rosa em constante agitação. Largou o taumaturgo lisboês a falar aos leitões desinquiets como se foram cardumes de sardinhas, e de quadra em quadra dava em recuão para longe do alguidar de pau, como fingindo arredar-se da maré que subia.

Não segurei o riso nas entretelas. Uma gargalhada irreprimivel subiu ao ar em claro fio sonoro.

Mal encarados, os que de mais perto estanceavam, para mim se volveram. Um delles, como se eu houvera cometido peccado mortal, lançou:

— Eh! lá! patrãozinho! De que se ri vocemecê!

— Ora, de que ha-de ser! — outro por mim respondeu. Ri-se do vivo que está a grunhir na celha.

— Pois quem nos dera a innocencia delles, que salvante a alma batisada são como as creanças de mama.

Abafei o gargalhar intempestivo que ofendia a larada dos innocentes cochinos. E pela vida fóra, atravez dos varios entremezes lorpas, a candida innocencia lhes invejo.

* * *

Assim me acontece com a farça de cordel dos bentos fradinhos da Aldeia da Ponte.

«Pensam que não sou anti-clerical? — monologou no teatro da politica o grande eleitor d'Alijó.— Imaginam que nem tenho miolos de Pombal; nem figados de Choiseul, nem rilada do conde d'Aranda, nem outros miudos de Tanucci? Pois vão ver!»

Com oito ou mais dias d'antecedencia, os linguas governantaes do periodismo anunciam que o ministro se prepara para expulsar os santos varões da Aldeia da Ponte. Trôa-se a ameaça aos quatro cantos do pais, para dar tempo a que os frades se acoitem onde lhes aprouvér. Faz lembrar o conto infantil em que a raposa, despedida do alto sobre um lagedo, berrava durante a queda: — «Foje fraga que te parto!»

Os perseguidos desferiram vôo. No dia aprasado para a famosa amostra das tesuras, ahi vão tropas e autoridades tomar d'assalto o convento, arrolar os bens, e pôr na fronteira os buhentos clerigos.

Nenhum appareceu, mas dois dias empós, o superior e outro freire regressavam á aldeia. Pombal tropejou de sanha. Manda pespegar com a parelha em terras d'Espanha.

Não tardou 48 horas que os marianos, rindo-se das leis, das autoridades, do destacamento militar e do governo, outra vez transpessessem a balisa proibida. Cresceram na audacia. Endireitaram ao mosteiro, rasgando os sêlos que vedavam as portadas, vomitando no resaiio fronteiro ao templo toda a casta biblica de maldições, objurgatorias e improperios.

O craneo pombalino cachou tormentoso e conjestionado. E lá volve o administrador, mai-los ginetes e os infantes a espantar o inimigo. Retomam os padres, seguem caminho da raia, e como fardo precioso que se receia extraviar, recomendam-lhes: — «Agora cuidado! Não arrisquem essas carnes de Senhor com terceira investida.»

E pela vez terceira o telegrafo nos refere que os sêlos do recolhimento tinham, em noite de luar, voado para o Altissimo, e que os bens arrolados desataram em fuga aberta para os recantos misteriosos do paraiso terreal.

Terceira jornada cumprem militares e representantes do poder, a colocar sentinelas á volta do coio, pois casa roubada trancas á porta.

Ai! quem nos dera a inocencia dos frades, do governo e dos bacorinhos que figuravam de peixes! Tirante a alma batisada são como as creanças de mama!

* * *

Para temperar os ardores do seu anti-clericalismo, o governo, já assustado pelo proprio arrojo e com temor de soltar da cabeça de Pio X a tiara dos papas, manda trompejar o hino pontificio á passagem do Nuncio, na ocasião da abertura das côrtes.

Os padres marianos exilados e reexilados, asilam-se onde querem, passeiam tanto á vontade como se foram elles os sete ministros liberaes, e ao contrario os teixiristas andassem aos saltos de mosteiro em mosteiro! Jesuitas não ha! Das outras congregações monasticas nenhuma na nossa terra assentou pé!

Os sindicantes aos estabelecimentos religiosos repetem a lenda dos sete frades dormentes. O liberalissimo ministro da justiça não acha descanso na dobadoira d'afirmações rasgadas que trasvasa para longas entrevistas de reportagem, enquanto os tribunaes seguem condenando iniquamente os filiados nas associações secretas.

Ai quem tivera a inocencia dos roseos leitõesinhos que salvante a alma cristã são como os frades, o nuncio e o governo!

O porquê das bombas

A' noticia da descoberta, mediante denuncia, dum deposito d'envolucros de engenhos explosivos, os orgãos reacionarios, levando á frente o que na imprensa representa as ideias do ministro dos estrangeiros, irromperam em furias. Até hoje ignora-se o que haja de verdade ou de fabula no caso. E mais que suspeitas se tornam as declarações do juiz d'instrução criminal, revelando segredos profissionaes dum processo secreto.

Mas de que se admiram os fautores de repressões ferozes, ditaduras militares, e formas de governo regressivas?

Em todos os tempos e paises, as oppressões e tiranias provocaram conspirações. Sempre os conspiradores se premuniram com as armas do seu tempo. Pois que conspirar desarmado é platonismo d'ingenuos ou divertimento arriscado de quem sofre de lesão cerebral.

Já lá vão annos, e não escassos, em que as forças regulares e o povo possuíam armas eguaes! A invenção das espingardas de tiro rapido e grande alcance, o aparecimento das metralhadoras e a perfeição da artilharia deslocaram a maneira de combater.

A esses armamentos, os revolucionarios, para propria defensão, um só podem opôr: a bomba. E em todas as nações em que o povo luta contra o despótismo, no momento do conflito, a bomba faz ouvir o seu estampido em resposta ao trom do canhão.

Que é barbarie! afirma-se. Que é instrumento assassino! E depois? Que concluem da asserção?

Nesses momentos em que se joga a vida, nesses lances em que por ideaes, interesses e paixões se mata e se morre, o homem regressa aos empetos atavicos das epocas primitivas. Se é barbara a dinamite, que civilisação existe na metralha, nas surriadas da infantaria, nas ferraduras dos cavalos e nas catanas dos cavaleiros que carregam, na destruição em massa? Que differenças de piedade distinguem entre ter os miolos vasados por um estilhaço da artilharia, ou voar em pedaços com a explosão

dum petardo? Em que código de humanitarismo se encontram os obuzes de melinite ou de ximose, e a granizada cega de balas que um *shrapnell* despede?

Não se jogam então sorrisos e beijos, nem se sacodem das janelas arregaçadas de rosas, ou os punhados de trigo com folhas d'oliveira que nas aldeias se atiram aos noivos como simbolo da fecundidade. Rasgam-se entranhas, fendem-se craneos, varam-se peitos. Só a sinistra caveira da morte ri ás escancaras.

Ora em todos os escalões do lento progredir dos povos se encontram martires e sacrificios. Os alicerces da civilização enterram-se na carne e no sangue das gerações findas.

* * *

Quem hoje, ao percorrer os armarios dum museu de arqueologia prehistorica, se detem segundos, olhando as primeiras armas do homem, os mal caboucados machados de silex, as lanças de ponta embotada pelo uso, não recorda as sangoeiras dos combates d'antropofagos, os ventres abertos, as visceras palpitantes. Lembra-se de que essas armas foram instrumento de redenção da especie, necessidade de defêsa, e por isso que a vida tiravam, a vida guardavam, dandoá vida alto valor e respeito.

Se um dia a humanidade, como tantos sonhadores pensam, viver em plena paz e harmonia, livre de todas as peias, isenta da dôr e do sofrimento, ella entoará canticos á bomba de dinamite que ha-de ser o mais formidavel e temeroso inimigo de todas as opressões.

E perante os escaparates envidraçados dos mostruarios, onde as bombas repousarão a par das balas explosivas e outras invenções de mal-fazer, os pedagogos vindouros contarão ás creanças as fazes das lutas ancestraes, repetindo-lhes as miserias dos nossos tempos, os nossos combates, os nossos heroes, e os milhões de vidas apagadas em busca dumá illusão nunca atingida... a eterna illusão... a perene e vivificante illusão da felicidade.

C. T.
V. pan